

OLIMPIÁDA BRASILEIRA EM HISTÓRIA DO BRASIL

2º CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: 50 ANOS DO GOLPE E A DITADURA CIVIL-MILITAR

Professora Cristiane Aparecida Fontana Grumm (Instituto Federal Catarinense – campus Videira)

::: Aula 3 :::

::: Documento 1 – Música “Desapariciones” :::

Música: Desapariciones

Composição: Ruben Blades (Álbum “Buscando América”, 1982)

Intérpretes: Maná (Álbum “MTV Unplugged”, 1999)

<p>Que alguien me diga si han visto a mi esposo preguntaba la Doña Se llama Ernesto X, tiene cuarenta años trabaja de celador, en un negocio de carros llevaba camisa oscura y pantalón claro Salió anoche y no ha regresado y no sé ya qué pensar Pues esto, antes no me había pasado ooo...</p> <p>Llevo tres días buscando a mi hermana se llama Altagracia igual que la abuela salió del trabajo pa' la escuela llevaba unos jeans y una camisa clara no ha sido el novio, el tipo está en su casa no saben de ella en la PSN ni en el hospital ooo...</p> <p>Que alguien me diga si han visto a mi hijo es estudiante de pre-medicina se llama Agustín y es un buen muchacho a veces es terco cuando opina lo han detenido, no sé que fuerza pantalón claro, camisa a rayas pasó anteayer</p> <p>CORO A dónde van los desaparecidos busca en el agua y en los matorrales y por qué es que se desaparecen por qué no todos somos iguales y cuándo vuelve el desaparecido cada vez que lo trae el pensamiento cómo se le habla al desaparecido con la emoción apretando por dentro oh...</p> <p>Clara, Clara, Clara Quiñones se llama mi madre ella es, ella es un alma de Dios no se mete con nadie Y se la han llevado de testigo por un asunto que es nada más conmigo y fui a entregarme hot por la tarde y ahora dicen que no saben quién se la llevó del cuartel</p>	<p>Anoche escuche varias explosiones patún pata patún pete tiro de escopeta y de revolver carros acelerados freno gritos eco de botas en la calle toque de puertas por dioses platos rotos estaban dando la telenovela por eso nadie miró pa' fuera</p> <p>CORO A dónde van los desaparecidos busca en el agua y en los matorrales y por qué es que se desaparecen por qué no todos somos iguales y cuándo vuelve el desaparecido cada vez que lo trae el pensamiento cómo se le habla al desaparecido con la emoción apretando por dentro</p> <p>Extraído de: http://letras.mus.br/mana/69706/</p>
---	--



Data e local de nascimento:
5/7/1954, Feira de Santana (BA)
Data e local da morte:
14/11/1971, Salvador (BA)

NILDA CARVALHO CUNHA (1954-1971)

Nilda Carvalho Cunha foi presa na madrugada de 19 para 20 de agosto de 1971, Foi levada para o Quartel do Barbalho e, depois, para a Base Aérea de Salvador. Sua prisão é confirmada no relatório da Operação Pajuçara, desencadeada para capturar ou eliminar o guerrilheiro Carlos Lamarca e seu grupo. Nilda foi liberada no início de novembro do mesmo ano, profundamente debilitada em consequência das torturas sofridas. Morreu em 14 de novembro, com sintomas de cegueira e asfixia. Ela tinha acabado de completar 17 anos quando foi presa. Fazia o curso secundário e trabalhava como bancária na época em que passou a militar no MR-8 e a viver com Jaileno Sampaio. Ela ouvia gritos dos torturados, do próprio Jaileno, seu companheiro, e se aterrorizava com aquela ameaça de violência num lugar deserto. Naquele mesmo dia vendaram-lhe os olhos e ela se viu numa sala diferente quando pôde abri-los. Bem junto dela estava um cadáver de mulher: era Iara, com uma mancha roxa no peito, e a obrigaram a tocar naquele corpo frio. No início de novembro, decidem libertá-la. Na saída, descendo as escadas, ela grita: – Minha mãe, me segure que estou ficando cega. Foi levada num táxi, chorando, sentindo-se sufocada, não conseguia respirar. Daí para a frente foi perdendo o equilíbrio: depressões constantes, cegueiras repentinas, às vezes um riso desesperado, o olhar perdido. Não dormia, tinha medo de morrer dormindo, chorava e desmaiava. – Eles me acabaram, repetia sempre [...].



Data e local de nascimento:
1/4/1922, Araci (BA)
Data e local da morte:
20/10/1972, Salvador (BA)

ESMERALDINA CARVALHO CUNHA (1922-1972)

Esmeraldina Carvalho Cunha foi encontrada morta na sala de sua casa, em Salvador, em 20 de outubro de 1972, aos 49 anos. Seu corpo estava pendurado num fio de máquina elétrica. Esmeraldina fora casada com Tibúrcio Alves Cunha Filho, com quem teve cinco filhas. A mais nova, Nilda Carvalho Cunha, havia morrido um ano antes, em 14 de novembro de 1971, após dois meses de prisão e torturas em Salvador. Outra filha, Leônia, foi militante do PCB e da Polop. Lúcia também chegou a ser presa, mas foi logo solta. A mais velha, Lourdes, foi cruelmente assediada durante muito tempo por agentes do Exército, o que lhe causou sérios problemas emocionais e comportamentais. Esmeraldina, mãe exemplar, separada do marido, lutava pela vida de suas filhas militantes. A dor pela morte de sua caçula, Nilda, a transtornou. Mas seu suposto suicídio sempre foi questionado pela família. Sua filha mais nova fora presa na madrugada de 20 de agosto de 1972. Assim que soube da prisão de Nilda, Esmeraldina revirou a Bahia. Procurou os comandantes militares, o juiz de menores, advogados, tentou romper a incomunicabilidade imposta pelo regime. Só conseguiu ver a filha tempos depois, na Base Aérea de Salvador, quando a encontrou em estado lastimável, em consequência das torturas. Esmeraldina enfrentou, por duas vezes, o major Nilton de Albuquerque Cerqueira, um dos carcereiros da filha. Na primeira vez, o major tentou impor como condição para a soltura de Nilda que a mãe voltasse a viver com o ex-marido, fato que não se concretizou e quase impediu a liberdade da filha. Na segunda vez, o major esteve no quarto de hospital em que Nilda, já em liberdade, estava internada para tratamento. Sua presença e as ameaças de fazê-la retornar à prisão agravaram o estado de Nilda, que morreu dias depois, em circunstâncias nunca esclarecidas. “Ela não se conformava com a morte da filha, chorava, andava pelas ruas da cidade, delirava e gritava: – Eles mataram minha filha, uma criança! Eles mataram minha filha. São assassinos, do Exército, do governo. O relatório da CEMDP constata que a angústia e o desespero pela morte da filha deixaram Esmeraldina inconsolável. Destaca, ainda, o relato da filha Leônia de que a mãe, um dia antes de morrer, comprara móveis novos para a casa e, ao encontrá-la dependurada, pudera ver que havia marcas de sangue no chão, sua face não estava arroxeadada, sua língua não estava para fora, não houvera deslocamento da carótida e mal trazia marca do fio no pescoço. A CEMDP considerou que a morte de Esmeraldina Carvalho Cunha se deu em consequência de seus atos públicos contrários aos interesses da época, resultantes de seu inconformismo e de seu conhecimento das atrocidades praticadas por agentes do poder público.



Data e local de nascimento:
12/1/1950, Coruripe (AL)
Data e local da morte:
22/1/1972, em São Paulo (SP)

GASTONE LÚCIA DE CARVALHO BELTRÃO (1950-1972)

Alagoana de Coruripe, Gastone manifestou desde jovem preocupação com as desigualdades sociais. Ainda adolescente, visitava presos comuns, levando-lhes roupas e alimentos. Estudou nos colégios Imaculada Conceição e Moreira e Silva, em Maceió, e concluiu o segundo grau no Rio de Janeiro. Em 1968, de volta a Maceió, Gastone prestou vestibular para Economia na Universidade Federal de Alagoas, entrando em terceiro lugar. A partir de então, sua militância política se tornou mais efetiva, inicialmente na JUC (Juventude Estudantil Católica). Em 1969, já integrada à ALN, viajou para Cuba, onde recebeu treinamento militar. Foi localizada e executada em São Paulo pela equipe do delegado Sérgio Paranhos Fleury, quando tinha retornado ao Brasil havia menos de um mês. No entanto, a versão oficial, que prevaleceu durante muitos anos, indicava a morte de Gastone em tiroteio com a polícia. Por solicitação da CEMDP, o processo de Gastone foi submetido a exame pelo perito criminal Celso Nenevê. O perito se concentrou em duas lesões, uma na região mamária e outra na região frontal. Ampliou a foto da ferida na região mamária 20 vezes. Abramovitch descrevera a lesão como resultante de “tangenciamento de projétil de arma de fogo”. Nenevê concluiu que, ao invés de tiro, tratava-se de uma lesão em fenda, produzida por faca ou objeto similar. As circunstâncias da morte não puderam ser restabelecidas com clareza até hoje, mas a CEMDP reconheceu, por decisão unânime, que Gastone Lúcia Carvalho Beltrão, cujo cadáver mostrava 34 lesões, na maioria tiros, mas também facada, marca de disparo à queima-roupa, fraturas, ferimentos e equimoses, não morrera no violento tiroteio alegado pelo Dops e pelos documentos oficiais, e sim depois de presa pelos agentes dos órgãos de segurança.

Fonte: MERLINO, Tatiana; OJEDA, Igor (orgs.). **Direito à memória e à verdade: luta, substantivo feminino.** São Paulo: Editora Caros Amigos, 2010.

Extraído de: <http://jornalggn.com.br/comment/264431#comment-264431>